

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

# **A PALAVRA COMO INSTRUMENTO DE PODER: UMA CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA O TRABALHO COM TEXTOS EM SALA DE AULA**

*Autor: Maria Eluiza Solareviski<sup>1</sup>*

*Orientadora: Kátia Aleksandra dos Santos<sup>2</sup>*

## **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo central divulgar a implementação pedagógica de uma proposta de trabalho com textos nas aulas de língua portuguesa, a partir do referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Pretendeu-se focar as relações de poder que se estabelecem pelas palavras, ou seja, via discurso. Tal proposta se justifica uma vez que contribui para a formação de um aluno mais crítico e observador no que se refere ao uso da língua, sobretudo no que diz respeito às relações de poder que permeiam os discursos que circulam na sociedade. A metodologia consistiu de um trabalho de análise e interpretação de textos que tinham como temática as relações de poder, com posterior produção de textos, tudo sob o enfoque da AD. Os resultados foram a percepção das relações de poder e o desenvolvimento da criticidade por parte dos alunos, assim como a consideração da língua enquanto discurso, ou seja, vinculada à história, ao aspecto social e à ideologia.

**Palavras-chave:** Discurso, relações de poder, trabalho com textos em sala de aula

## **Abstract**

---

<sup>1</sup> Professora PDE 2009, com especialização em Teoria Literária Aplicada a Literatura Brasileira (Universidade Estadual do Centro-Oeste de Guarapuava), graduada em Letras–Português/inglês (FECLI de Irati), atuando no Colégio Estadual “Dr Afonso Alves de Camargo” – Ensino Fundamental e Médio com padrão de 40 horas.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá-UEM, especialista em ensino de Língua Portuguesa (UNICENTRO), graduada em Letras e Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, atualmente atua como professora de Língua Portuguesa e linguística da mesma instituição (UNICENTRO).

The central aim of this article is to spread the pedagogical implementation of a work suggestion with texts in portuguese language classes from the theoretical and methodological reference of the speech analysis of French line (AD). It was intended to focus the power relations that are established by words, and in other words, through the speech. This proposal is justified because it contributes to the critical and observant student as the languse use, specially about the power relations that permeate the speeches that circulate in society. The methodology consisted of a work of analyzing and interpreting texts that they had the power relations as the thematic following the text productions. All about focus of AD. The results were the perception of the power relations and the criticality development of the students, as the consideration of the language while speech, it's linked to the history, social aspect and ideology.

Keywords: Speech, power relations, work with texts in classroom.

## **1. INTRODUÇÃO**

As aulas de língua portuguesa deveriam ser o lugar, por excelência, do debate, da exposição de ideias, enfim, do exercício da língua em suas diversas modalidades. Ocorre que os discursos se reproduzem em sala de aula de maneira homogênea e os alunos acabam não exercitando como deveriam os recursos que a língua lhes oferece. Desse modo, a escola torna-se pouco atrativa e as aulas repetições de estruturas que não são utilizadas na vida dos alunos, o que colabora sobremaneira para a evasão escolar. Ainda é preciso considerar, obviamente, problemas de cunho social, político e econômico que também influenciam nas aulas de língua portuguesa.

Muito se tem tentado fazer para combater a evasão e a repetência no município de Rio Azul, local em que foi realizada a intervenção que será apresentada neste artigo. As respostas se direcionam para a motivação: motivar o aluno que trabalha o dia inteiro e quando chega à escola, à noite, está cansado e com sono; motivar o aluno indisciplinado, motivar os desanimados, enfim, muitas demandas que se voltam para questões sociais e que precisam ser resolvidas a partir da motivação do aluno em sala de aula.

Modificar esta história, transformar o nosso meio, esta é a missão do educador. Mas como fazer isto? Uma alternativa é conscientizar-se do poder das palavras, mais especificamente: discutir as relações de poder que se organizam nas

manifestações discursivas e assim tornar as aulas mais próximas do real uso da língua e, portanto, do interesse dos alunos. Contudo, isso só poderá ser feito, em nossa opinião, a partir da capacitação dos professores, a fim de que possam trabalhar sob o enfoque de perspectivas de ensino mais interativas e atuais.

Atualmente, o governo do Paraná oferece aos professores estaduais a possibilidade de participar do programa PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), que permite o diálogo entre a universidade e o ensino fundamental e médio. Dessa forma, o professor, após aprofundamento teórico e acompanhado por um professor orientador da universidade, pode por em prática sua contribuição para um ensino mais embasado e adequado à realidade social.

Voltar à universidade, depois de tantos anos, significar revigorar, com experiência e segurança poder começar novamente, aprofundar-se em seus objetivos e fundamentos teóricos, conhecer novas metodologias e poder aplicá-las na tentativa de fazer com que a prática de ensino possa validar as teorias que estão sendo construídas no âmbito da academia.

Desse modo, considerando a possibilidade aberta pelo programa PDE, foi possível implementar uma proposta de trabalhos com textos diferentes e atrativos para os alunos, refletindo sobre o tema: as relações de poder no discurso.

A ideia de estudar as relações de poder apontou para a seleção de alguns textos específicos, que tratassem dessa questão. Assim, foram selecionados o conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, e o romance de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*. A leitura dos referidos textos foi pautada em um aprofundamento teórico/metodológico buscado na área da Análise do Discurso, de linha francesa. Este aprofundamento teórico, junto com o acompanhamento do professor orientador, o afastamento de sala de aula, a participação dos professores no GTR (Grupo de Trabalhos em Rede), o contato com outros professores PDEs, o repasse aos professores do próprio colégio, contribuiu para o sucesso da implementação em sala de aula.

Tendo em vista as condições de atuação em sala de aula, consideramos que é preciso pensar em novas práticas que abordem a questão da linguagem. Práticas que envolvam a percepção da língua a partir de uma perspectiva discursiva, considerando-a não como um objeto neutro, mas um instrumento a serviço das relações de poder.

Com esse intuito, este trabalho teve como objetivo geral desenvolver uma proposta metodológica com textos em sala de aula, interpretações e produção de artigo de opinião, atividades que possibilitaram ao aluno uma visão crítica acerca de como as relações de poder se manifestam no discurso, a partir da perspectiva teórica discursiva. Quanto aos objetivos específicos, esta implementação possibilitou ao aluno o contato com alguns textos que tematizassem a manipulação no uso da palavra, a fim de propiciar uma discussão acerca das relações de poder que rondam a língua; outro objetivo foi estimular a criticidade dos alunos por meio de observações de situações do cotidiano de modo que se percebessem as relações de poder no uso da palavra; ainda era objetivo do projeto pedagógico promover atividades que levassem o aluno a expor sua opinião sobre a temática em questão.

Assim, as dificuldades no trabalho com as diversas materialidades linguísticas e a necessidade de formar leitores críticos justificam o trabalho que será relatado neste artigo. Entendemos que somente a partir de uma perspectiva discursiva é possível empreender um trabalho efetivo com textos e proporcionar aos sujeitos a possibilidade de discutir e compreender as relações de poder que circundam a língua.

Considerando a proposta mencionada acima, o presente artigo apresenta inicialmente alguns conceitos da Análise do Discurso de linha francesa; em seguida traz algumas considerações sobre o gênero artigo de opinião, uma vez que a implementação finalizou com a produção de artigos de opinião escritos pelos alunos; no momento seguinte, focaliza a proposta de intervenção, a seguir será abordada a metodologia de ação, os resultados obtidos e considerações finais.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Antes de qualquer trabalho com textos, é preciso ter em vista qual a nossa concepção de língua, de texto, enfim, de como compreendemos os objetos simbólicos com os quais pretendemos trabalhar. Tendo isso em mente, apresentaremos inicialmente alguns conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, área que nos dá os pressupostos teóricos para tomar os textos como

objetos de análise. Passemos então às bases teóricas da Análise do Discurso (doravante AD):

A AD é uma área que surgiu na década de 60, com Michel Pêcheux, um filósofo francês. Colocou-se como herdeira de três regiões do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Dessa forma a Análise do Discurso já nasceu pautada na interdisciplinariedade, pois se tornou foco da atenção não só de linguistas, mas de filósofos, historiadores, psicólogos, e, dessa maneira, irrompeu em suas fronteiras e constituiu um novo objeto de estudo: o discurso.

Segundo Orlandi e Guimarães (1986), o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito. O lugar do discurso é, portanto, um lugar de dispersão de sujeitos, uma vez que coloca em cena várias vozes, oriundas de vários lugares discursivos e ideológicos. A AD reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua, compreendendo uma triologia de elementos indissociáveis: língua-discurso-ideologia. Conforme Brandão (2002, p. 36), a linguagem enquanto discurso é interação: ela não é neutra, inocente e nem natural, mas opaca por isso o lugar de interação social e de interpelação ideológica. Para Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (apud ORLANDI, 2007, p.17).

A contribuição de Pêcheux (*apud* BRANDÃO, 2002, p.36) está no fato de ver nos protagonistas do discurso a representação de “lugares determinados na estrutura de uma formação social”. O discurso reflete, portanto, as relações sociais que se estabelecem entre os falantes. Assim, há o “lugar” do diretor, do professor, do aluno, cada um marcado por propriedades diferenciais que não estão relacionadas aos falantes empíricos, mas aos lugares sociais que se colocam no momento da fala, da apropriação da palavra na rede discursiva.

As relações de poder atuam sempre produzindo interditos ao dizer, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Entre o que é dito há sempre o não dito e ainda o interdito, que produz o silêncio. Desse modo, essas relações também se reproduzem no ambiente escolar. O professor, em sala de aula, também está imerso em relações de poder, assim como os alunos e a relação que se estabelece entre ambos.

Portanto, a ação pedagógica deve promover o amadurecimento no uso discursivo: por exemplo, na oralidade, o aluno deve ser incentivado a falar a partir de seus conhecimentos linguísticos; na escrita, o aluno deve poder posicionar-se, ter

voz em seu texto; e na leitura, principalmente, deve reconhecer as vozes sociais e as ideologias presentes no discurso, para que compreendam e possam intervir nas relações de poder que se estabelecem via discurso.

Considerando a concepção de Orlandi (2007, p.39) sobre as relações de força, ou seja, a consideração de que os lugares que ocupamos na sociedade são determinantes do lugar de sujeitos do discurso que ocupamos no uso da língua, o trabalho que propomos tem como ponto nodal as relações de poder que se estabelecem no discurso.

O poder, que se coloca via linguagem, pode ser usado com muitos propósitos, como quando pais e professores educam as crianças, a mídia nos informa ou nos manipula, os políticos nos governam, a polícia nos protege (ou repreende) e etc. A sociedade não funcionaria se não houvesse ordem, controle, e isso ocorre através do discurso. Queremos dizer com o apresentado acima que a linguagem nunca é neutra, ela sempre está revelando posições ideológicas, é sempre argumentativa e, por vezes, um dos efeitos é a manipulação.

Uma característica típica da manipulação é comunicar crenças de maneira indireta, isto é, sem realmente afirmá-las e, portanto, possibilitar um efeito de sentido que desemboca no não-questionamento. Isso aparece nos discursos oriundos do senso comum, os quais, não tendo autor empírico, mas sendo cristalizados pela voz popular, dificilmente são questionados e produzem efeitos de verdade. Esse é o papel da ideologia: produzir evidências.

Assim acabamos naturalizando as desigualdades tais como as diferenças entre professores e estudantes, profissionais e seus clientes, peritos e leigos, jornalistas e suas audiências. Essas “evidências” são produzidas pela língua e a relação ideológica que ela instaura, ou seja, pelo discurso.

Provavelmente, o gênero da interação e do discurso humano mais elementar e amplamente difundido é a conversação cotidiana. Muito do que aprendemos sobre o mundo é derivado dessas conversas cotidianas com os membros da família, os amigos e os colegas. Ela é um dos grandes canais sociais de processamento de informações e fornece o contexto para a expressão e transmissão persuasiva de crenças e conhecimentos compartilhados. É o lugar privilegiado de manifestação dos discursos e de manifestações ideológicas, as mais variadas possíveis, em que as relações de poder acontecem, mas estão mais veladas.

As formas de manifestação dos discursos são os textos, distribuídos em gêneros discursivos que organizam os textos em construções coletivas mais ou menos homogêneas. Entendemos que o texto é uma forma de atuar, de agir no mundo. Escreve-se e fala-se para convencer, vender, negar, instruir, enfim, para realizar diversas ações, produzindo diversos efeitos. Desse modo:

Somente uma leitura aprofundada, em que o aluno é capaz de enxergar os implícitos, permite que ele depreenda as reais intenções que cada texto traz. Sabe-se das pressões uniformizadoras, em geral voltadas para o consumo ou para a não-reflexão sobre problemas estéticos ou sociais, exercidas pelas mídias. Essa pressão deve ser explicitada a partir de estratégias de leitura que possibilitem ao aluno “percepção e reconhecimento – mesmo que inconscientemente – dos elementos de linguagem que o texto manipula”. (DCE, 2008, p.71)

É preciso ter em mente, ainda, que o grau de familiaridade do leitor com o conteúdo veiculado pelo texto interfere, também, no modo de realizar a leitura. Na AD, base teórica da qual nos valem, os dizeres são considerados não apenas mensagens a serem decodificadas, conforme Orlandi, mas:

efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (Orlandi, 2007, p.30)

Entendemos que os efeitos de sentido se produzem pelos dizeres, os quais se constituem do que é dito (materializado), mas também do que não é dito e das margens do dizer. Há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva, conceitos que se serão discutidos adiante. Há sempre no dizer um não-dizer. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva.

Para que haja compreensão desses conceitos algumas noções básicas devem ser esclarecidas, assim, passamos a apresentar a síntese de alguns



conceitos essenciais da AD, conforme Orlandi (2007). Não obstante, salientamos a necessidade de o professor proceder a leitura do referencial teórico da área, para que haja maior clareza e compreensão da mesma.

Acreditamos que é de suma importância que o professor tenha conhecimento da teoria que dá substrato à sua prática, uma vez que isso o auxiliará a conduzir sua aula de acordo com um posicionamento teórico.

## **2.1. Conceitos básicos da AD**

Durante muito tempo o ensino de língua portuguesa foi ministrado por meio de conteúdos legitimados no âmbito de uma classe social dominante e pela tradição acadêmica/escolar (DCE, 2008, p.62). Segundo Dijk (2008, p.7), as elites simbólicas, que têm acesso privilegiado aos discursos públicos, também controlam a reprodução discursiva da dominação na sociedade.

Considerando esse aspecto, dentro das teorias que norteiam as bases do ensino de línguas, a Análise do Discurso é uma das disciplinas que vêm compor esse novo quadro teórico. Com ela:

A questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, do seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação. A Análise do Discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique (ORLANDI, 2001, p.21).

Assim, levando em conta a importância da área dentro das teorias que têm se colocado como bases do ensino de língua portuguesa, apresentaremos um referencial teórico básico, para que haja maior clareza e compreensão da área e para que possamos explicitar a proposta e a aplicação que realizamos durante nosso trabalho.

Um dos conteúdos estruturantes da disciplina de Língua Portuguesa é o discurso como prática social. Conforme as Diretrizes Curriculares da Educação

Básica (2008), o discurso é efeito de sentido entre interlocutores, não é individual, ou seja, não é um fim em si mesmo, mas tem sua gênese sempre numa atitude responsiva a outros textos (*apud* DCE'S, 2008, p.63). Para Brandão (2005), também citada nas DCEs (2008, p.63), o discurso é toda a atividade comunicativa entre interlocutores. Assim, os agentes são:

(...) seres situados num tempo histórico, um espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que faz parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. (BRANDÃO, 2005, p. 2-3).

Para Orlandi (2007, p.15), a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de movimento; na prática de linguagem, com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Ainda segundo Orlandi (2001, p. 14), o discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois o que temos são “pedaços”, “trajetos”, estados do processo discursivo.

Outro conceito que devemos observar, ao trabalhar em uma perspectiva discursiva é o “interdiscurso”, termo que, para Orlandi (2007, p.33), é empregado para designar todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos, é a memória discursiva. Dizeres procedentes de determinados momentos da história e de diferentes lugares sociais são determinados pelo já-dito que constituem uma formação discursiva. É o entrecruzamento de diferentes discursos, ou seja, são as diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito discursivo.

Além desse conceito, temos que mencionar ainda, a noção de sujeito para a AD. Nessa área, o sujeito discursivo é considerado concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social. Além disso, é um sujeito assujeitado pela ideologia e pelo inconsciente.

Conforme Orlandi:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2007, p. 32)

Desse modo, a AD toma o sujeito como assujeitado, ou seja, um sujeito não dono do seu dizer, interpelado pela ideologia, da qual é representante e ainda perpassado pelo inconsciente.

Compreendendo que o sujeito da AD é sempre interpelado ideologicamente, resta compreendermos como é tomado esse conceito - de ideologia - na área. Segundo Orlandi (2007, p.95), a ideologia é o que torna possível a relação palavra/coisa, para isso têm-se as condições de base, dadas pela língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo.

Ideologia é o conjunto de ideias que nos interpela como sujeitos. Conforme a concepção marxista, podemos compreender esse conceito como as ideias da classe dominante, que indicam aos membros da sociedade como devem pensar, valorizar, sentir, agir e falar.

Segundo Martins (2004, p.5),

a ideologia ocorre em formas materiais e atua através da constituição das pessoas como sujeitos sociais, fixando-os em posições sujeito e dando-lhes, ao mesmo tempo, a ilusão de serem agentes livres. Esses processos ocorrem em várias instituições como a família, a lei, a igreja, a escola.

As instituições mencionadas acima- escola, família, igreja- são, segundo termo de Althusser (*apud* MARTINS, 2004), “aparelhos ideológicos do estado”, ou seja, as entidades responsáveis na sociedade por disseminar as ideologias.

Em sentido geral, entretanto, o conceito de ideologia é tomado como o conjunto de ideias que nos torna sujeitos, inseridos em determinadas formações ideológicas. A ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. Ela tem a função mediadora na integração social, na coesão do grupo. Está ligada aos aspectos hierárquicos da organização social cujo sistema de autoridade interpreta e justifica (BRANDÃO, 2001, p.25).

A ideologia, ainda, organiza-se em formações ideológicas, as quais, por sua vez, se materializam em formações discursivas.

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2007, p.43). Ainda pode ser concebida como a regionalização do interdiscurso, ou seja, os agrupamentos de discursos que unimos por certos fatores de regularidades. Uma palavra pode ter sentidos diferentes de acordo com as condições de produção, da posição dos sujeitos, etc. Assim, temos a formação discursiva religiosa, a capitalista, entre outras, que exercem a função de lugar dos discursos, onde os sentidos estão alojados, mas só vão significar quando convocados.

É pelas formações discursivas e ideológicas que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar do professor, suas palavras significam de modo diferente (valem mais) do que se falasse do lugar do aluno. Desse modo, a AD compreende que as relações de poder e de força se assentam/manifestam via discurso. O poder das palavras resulta da inscrição das palavras em formações discursivas dominantes.

Segundo Cardoso:

As “condições de produção do discurso” não devem ser entendidas apenas como sendo a situação empírica do discurso que está em jogo, mas como sua representação no imaginário histórico-social. Os protagonistas do discurso (interlocutores) não devem ser considerados apenas como seres empíricos, mas também como representação de lugares determinados na estrutura social: o lugar do professor, de aluno, de político, de pai, de sacerdote etc. As relações entre esses lugares acham-se representadas no discurso por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar do outro, e a imagem que fazem do referente. O emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do “imaginário” do outro, fundar as estratégias do discurso. (1999, p.39)

Considerando o último conceito apresentado, podemos dizer que o professor, em sala de aula, também está imerso em relações de poder, pois, usando a palavra, forma cidadãos críticos que assumem todos os postos, desde os mais humildes até os mais prestigiados. Sabemos que a relação entre professor e aluno é uma relação hierarquizada em que aquele detém posição superior a este. A compreensão dessa

relação não significa que o professor deva colocar-se num posto de superioridade “natural”, pelo contrário, ele deve possibilitar a discussão e a compreensão de como esses posicionamentos se manifestam discursivamente e, para isso, precisa levantar as condições de produção dos discursos materializados nos textos trabalhados em sala de aula.

Nesta sessão teórica trouxemos alguns conceitos (discurso, interdiscurso, ideologia, sujeito, formação discursiva e relação de poder/relação de forças) para conhecimento do professor, uma vez que julgamos pertinentes para o trabalho que apresentamos. A próxima parte diz respeito a uma apresentação sumária do gênero que utilizaremos como produção de texto na estratégia de ação: artigo de opinião. Dessa maneira, acreditamos ser importante discutir um pouco acerca das particularidades de tal gênero. Na sequência, apresentaremos a estratégia de ação que, ancorada nesses pressupostos teóricos, proporá uma intervenção com os alunos para que os mesmos possam discutir e conscientizar-se das relações de poder que permeiam o uso da língua.

## **2.2 Algumas considerações sobre o gênero artigo de opinião**

O gênero escolhido na proposta pedagógica que descreveremos neste artigo é um **artigo de opinião**, o qual se configura como um texto elaborado a partir de uma questão polêmica de relevância social, criada em torno de algum fato que foi notícia ou está em discussão na esfera social.

O artigo de opinião é, portanto, um gênero que possibilita ao autor expor, de maneira relativamente livre, o seu modo de pensar, o seu ponto de vista sobre uma questão controversa, e que se destina a convencer o leitor por meio de argumentações, comparações, depoimentos, exemplificações, dados estatísticos, etc (GOLDSTEIN, 2009, 97).

Nos gêneros argumentativos em geral o autor sempre procura criar o efeito de convencimento de seus interlocutores. Para isso precisa apresentar bons argumentos, que consistem em efeitos de verdade (afirmações universalmente aceitas, dados científicos em geral, como estatísticas, resultados de pesquisas sociais ou de laboratório, entre outras) e opiniões (impressões pessoais do autor)

(CEREJA, 2005, p.272). Os bons textos argumentativos geralmente fazem uso equilibrado dos dois tipos de argumentos.

É importante mencionar que a AD compreende que, apesar das condições de produção (Para quê? Para quem escrevemos o texto? O que dizemos, quem são os interlocutores, etc) deverem estar claras para o aluno, a questão da intenção é relativizada, afinal a AD entende a relação que se estabelece entre aquele que escreve e aquele que lê o texto como uma interação, em que surgirão inúmeros e inesperados efeitos, dependendo do modo como os sujeitos e os discursos se inscrevem em uma ou outra formação discursiva. Desse modo, a intenção de convencimento daquele que produz o texto pode ser uma, e os efeitos decorrentes da leitura serem outro(s). Mesmo assim, julgamos importante que o aluno/escritor tenha claro os objetivos de sua escrita e para isso trouxemos as características principais do gênero artigo de opinião.

### **3. ANÁLISE DO DISCURSO NA PRODUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

A proposta do PDE, além da integração entre ensino superior e ensino básico e a formação dos professores que atuam neste último nível, consiste na formulação de uma ação pedagógica que seja debatida entre um grupo de trabalho, composto por professores, e a implementação dessa produção pedagógica em sala de aula. Neste item, portanto, apresentamos a metodologia e os resultados da proposta pedagógica que formulamos e que resultou em um material didático, o qual está disponível no site do PDE e pode ser acessado e utilizado por outros docentes.

A implementação ocorreu em um colégio estadual do interior do Paraná, nos meses de setembro e outubro de 2010, com alunos de 2º ano, do Ensino Médio. Constituiu-se de uma proposta de trabalho com textos em sala de aula que teve por objetivo colocar em pauta as relações de poder que permeiam o uso da linguagem. Para isso, fizemos uma revisão dos principais conceitos da AD de linha francesa, área que serviu de base para que pudéssemos trabalhar com os textos numa perspectiva discursiva. Os textos selecionados tematizaram o uso da linguagem em situações persuasivas, o que se coloca a partir de posicionamentos sociais que as

personagens ocupam no momento de produção discursiva. A percepção dos mecanismos de poder colocados em jogo nas produções discursivas permitiram aos alunos posicionar-se acerca da questão e perceber outras relações de poder que se materializam em situações cotidianas.

Tínhamos como objetivo com essa implementação despertar nos alunos um senso crítico para refletirem sobre o que lhes é imposto, para que percebessem as relações de poder existentes em nossa sociedade e, através do seu cotidiano, pudessem demonstrar consciência da realidade que os cercam e passassem a agir de maneira mais ativa, não se deixando levar por discursos que circulam nas mais diversas esferas sociais.

Acreditamos que a percepção dos mecanismos ideológicos em jogo nas materializações discursivas auxilia na produção de leitores mais críticos e menos passivos aos efeitos “evidentes” produzidos discursivamente, e esse é o papel do ensino de língua portuguesa.

Foram colocadas em pauta as relações de poder que são imanentes à língua, a partir dos discursos que circulam. Dessa forma, relataremos a implementação pedagógica que se configurou como uma proposta metodológica e investigativa que pode ser executada por qualquer professor que se interesse pela temática.

### **3.1. Metodologia de ação**

Para o início das discussões, utilizamos como motivação a leitura do conto: “A cartomante”<sup>33</sup>, de Machado de Assis e a apresentação do filme “A hora de estrela”, baseado na obra homônima de Clarice Lispector.

Visando a uma melhor participação dos alunos, diversificamos a forma de apresentação dos textos. O primeiro texto, o conto **A cartomante** apresentamos através de material impresso; o segundo texto, o romance **A hora da estrela** apresentamos em forma de vídeo: filme; as interpretações em forma de slides, e o terceiro texto (texto complementar) *O Poder das Palavras*, também em forma de

---

<sup>33</sup> Texto que pode ser encontrado no livro didático de Carlos Alberto Faraco, Português: língua e cultura, ensino médio, 3.<sup>a</sup> série, Curitiba: Base Editora, 2005, p.118; e também no link <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000257.pdf>>.

slides. Contudo, o professor que desejar utilizar essa proposta metodológica poderá adaptar a exibição dos textos a sua realidade, do modo como achar melhor, tendo em vista recursos e disponibilidade de tempo.

Após a leitura do conto *A cartomante* de Machado de Assis (primeiro individual e silenciosamente, para conhecimento do texto, e depois dramatizada pelos alunos, para que estes pudessem rever o texto e participar coletivamente) ocorreu a apresentação do filme *A hora da estrela* de Clarice Lispector e a interpretação.

Durante a interpretação, os alunos foram levados a responder sobre os personagens: suas rotinas, seus problemas, o que os levou à cartomante (em ambas as histórias), entre outras questões que pudessem levantar as condições de produção dos discursos.

Para melhor orientarmos os alunos, retiramos alguns fragmentos do texto e fizemos a seguinte análise discursiva:

Diante dos personagens ingênuos, que preferem respostas prontas, podemos comprovar a relação de poder exercida pela cartomante (sua fala vale mais do que outro personagem), nos seguintes trechos, primeiramente do conto ***A cartomante*** de Machado de Assis:

1. A posição que a cartomante ocupa socialmente e na ordem do discurso, possibilita um efeito de sentido: a tranquilidade da personagem Rita, efeito que decorre do imaginário que esta última personagem tem sobre a cartomante: uma pessoa dotada de poderes místicos e, portanto, de um saber que vai além do seu.

*Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? **A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.** (p.47)*

Na obra de Clarice Lispector, ***A hora da estrela***, também podemos comprovar a posição de poder (o valor da fala) da personagem da cartomante:

1. O poder atribuído à figura da cartomante se materializa nas palavras da personagem Glória, quando diz a Macabéa:

*- Olímpico é meu, mas na certa você arranja outro namorado. **Eu digo que ele é meu porque foi o que a minha cartomante me disse e eu não quero desobedecer porque ela é médium e nunca erra.** (p.70)*



Depois da apresentação e discussão desses e de outros fragmentos, os alunos foram auxiliados na interpretação, aproveitando os pontos levantados pelos trechos foi possível observar as relações de poder explicitadas.

As perguntas seguintes foram direcionadas à realidade dos estudantes: Você conhece outras pessoas que, devido a sua posição, são procuradas para orientação? Qual seria a função social delas? Quem seriam elas? Suas orientações foram seguidas? Que efeitos de sentido foram causados por essas orientações? Elas teriam “poder” de influenciar/manipular outras pessoas?

Os alunos foram trazendo outros discursos oriundos do interdiscurso e isso possibilitou a construção dos sentidos dos textos originais, essas atividades de análise discursiva duraram três aulas.

Dessa maneira, procuramos empreender um debate sobre a questão do uso da palavra nas relações cotidianas e as relações de poder que daí decorrem, a fim de estimular a criticidade dos alunos, preparando-os para a atividade seguinte, que seria observar situações do cotidiano, o que foi feito como tarefa de casa e discutido na próxima aula.

Depois da observação do cotidiano e a constatação do quanto o comportamento discursivo dos outros alunos, colegas, professores, diretor, familiares e conhecidos influencia em vários aspectos na vida dos educandos, propuzemos que os mesmos relatassem suas observações ou experiências vividas. Isso, então, foi compartilhado com os colegas, para que todos pudessem acrescentar suas opiniões.

Na atividade seguinte, foram expostas algumas situações positivas: a palavra ao ser usada positivamente promove a autoconfiança, alegra, motiva, incentiva, aproxima as pessoas; e as situações negativas: a palavra ao ser usada negativamente causa angústia, desinteresse, entristece, desmotiva, oprime, traumatiza, afasta as pessoas.

Neste momento, diante do “peso da responsabilidade” que os alunos aparentavam sentir, achamos necessário, para descontrair e reforçar as relações de poder das palavras, utilizar o texto complementar: ***O Poder das Palavras***<sup>4</sup>, com a história de um mendigo, que soube usar as palavras. Para fixar melhor, algumas questões foram levantadas como:

---

<sup>4</sup> Texto disponível no link: <<http://forum.alemdosegredo.com/2009/12/29/o-poder-da-mente-licao-de-um-mendigo>>.

- 1) Quanto ao texto narrativo, o que mais chamou sua atenção?
- 2) Consegue perceber a relação de força estabelecida pelas palavras?
- 3) É comum vermos na figura de um mendigo uma pessoa criativa? Que ideologia este texto está passando? Foi, efetivamente, o efeito de sentido causado pela força das palavras que transformou a vida do mendigo?
- 4) Quanto à realidade: quais são as palavras que mais saem da sua boca? Seriam palavras positivas, negativas, ou ditas apenas “por falar”, sem pensar nas consequências? Quais efeitos de sentido elas estão causando? Alegria, tristeza, irritação? Como elas são ditas? Teria outro modo de dizê-las? Elas transmitem humildade ou arrogância?
- 5) Por que as palavras são importantes para o relacionamento?

Como finalização do trabalho, foi proposta uma produção de um artigo de opinião sobre o tema (trouxemos, anteriormente, algumas considerações sobre o gênero: artigo de opinião). As produções dos alunos foram expostas no mural da escola, contudo, uma outra alternativa poderia ser, a de elaborar um livro com as produções dos alunos para ficar na biblioteca, ou qualquer outra forma de divulgação que o professor achar melhor.

As produções dos artigos de opinião dos alunos refletiram os temas: o poder das palavras influenciando no cotidiano das pessoas; a posição de poder e seus efeitos: positivos ou negativos, ideologias.

### **3.2. Resultados**

Partimos da necessidade de formar leitores críticos, de motivar os alunos, de nos conscientizarmos do poder das palavras, mais especificamente: discutirmos as relações de poder que se organizam nas manifestações discursivas e assim tornarmos nossas aulas mais próximas do real uso da língua e, portanto, do interesse dos alunos.

Podemos dizer que os resultados desse trabalho repercutiram no crescimento dos alunos de várias formas, principalmente abriram horizontes de expectativas, percebemos e aprimoramos nossa visão de que diante da realidade somos

manipulados e podemos manipular. Depois de termos consciência desse fato, nossa crítica se dirigiu ao uso de máscaras, as posições de poder, ao abrir e fechar caminhos; a necessidade de estabelecer metas para não nos deixarmos manipular e nos influenciarmos por alternativas fáceis.

Essa análise comprovou-se nos artigos produzidos pelos alunos, que abordaram temas referentes a seu cotidiano. Entre os temas destacaram-se: a manipulação da mídia, o uso de máscaras (passamos a imagem de sermos simpáticos, responsáveis, estarmos interessados...), o respeito à posição de pais, professores, o reconhecimento da falta de limites dos jovens, etc.

Os resultados alcançados na interpretação dos textos mostram que conseguimos traçar um o elo entre o conto **A cartomante** de Machado de Assis e o romance **A hora da estrela** de Clarice Lispector, pois ambos retrataram a posição de poder, a posição hierárquica da cartomante sobre os outros personagens e ainda relacionar com o texto *O poder das palavras*. Com isso, foi possível levantar condições de produção e presentificar o interdiscuso na constituição dos sentidos.

Segundo o depoimento dos alunos, antes da implementação, quando realizavam a leitura dos textos literários, observavam apenas os personagens principais e, depois da implementação, conseguiram ver e sentir a manipulação das palavras e seus efeitos nos personagens, as posições de poder, ideologias (presentes na sociedade e nas produções discursivas que circulam de um modo geral) Mais atentos, passaram a observar seu ambiente social e os exemplos de comportamento das pessoas, seus discursos e os efeitos de sentido produzidos por esses discursos que sempre trazem algum tipo de manipulação.

O resultado final da implementação foi a exposição no mural da escola das produções dos artigos de opinião sobre o tema: *as relações de poder no discurso*. Os alunos participaram demonstrando empenho ao retratar seu cotidiano, analisando em suas produções a ideologia, falando sobre a manipulação pelas palavras, os efeitos de sentido, as posições inseridas nas relações de poder pelas quais eles transitam (aluno, filho, amigo, namorado, empregado), as reações/repercussões positivas e negativas que estas posições exigem, entre outros assuntos que foram retratados em situações simples e corriqueiras e materializadas nos textos produzidos.

Após realizadas as atividades, percebemos uma mudança no comportamento dos alunos: mais conscientes da importância das palavras, passaram, na oralidade,

a respeitar mais os turnos de fala; na escrita, a escolher melhor as palavras; e na leitura, afirmaram ter ampliado sua visão.

Observamos que o cuidado com a escolha das palavras pode humanizar mais as pessoas, torná-las mais sensíveis. Este cuidado pode abrir ou fechar caminhos (profissionais, pessoais) em nosso cotidiano e é imprescindível que essa discussão seja levada à sala de aula. Foi isso que acreditamos ter possibilitado com nossa implementação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo relatou a experiência de trabalho em sala de aula a partir de uma proposta de leitura e análise discursiva do conto: ***A cartomante***, de Machado de Assis, a apresentação do filme ***A hora de estrela***, baseada na obra homônima de Clarice Lispector e o texto de auto-ajuda (texto complementar): ***O Poder das Palavras***, que retrata a história de um mendigo, que soube usar as palavras.

Como resultado esperávamos promover a visão da língua em uso efetivo, a partir de uma perspectiva discursiva; fazer com que o aluno percebesse que as relações de poder e a ideologia se manifestam via linguagem, através do discurso; ainda tencionávamos possibilitar ao aluno uma visão mais crítica acerca dos textos com os quais interage em todas as esferas sociais; a partir de um leitor mais crítico, esperávamos também que essa perspectiva fosse refletida na produção de textos.

No ambiente escolar, ouvimos depoimentos favoráveis a esta implementação, alunos afirmando-se mais críticos, percebendo a existência da manipulação em seu cotidiano, o poder e os efeitos das palavras, a posição de poder no discurso, a ideologia. Alunos dizendo que passaram a “enxergar” nos livros que leem, nos filmes a que assistem, mais do que os personagens principais, observam: a manipulação, ideologia, o contexto. Enfim, abriram-se os horizontes.

Este artigo, resultado de uma implementação que deu certo, promoveu a integração entre a comunidade escolar e a sociedade. Isso só foi possível porque o governo estadual mantém o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), programa no qual o professor poder ausentar-se da sala de aula para aprofundamentos metodológicos e teóricos, frequentar uma universidade, ter um professor orientador e conviver com outros professores com o mesmo objetivo de

aprimorar-se. O resultado desse entrosamento são alunos mais conscientes de sua realidade, críticos e ativos, que podem transformar seu meio.

#### **REFERÊNCIAS:**

ANÁLISE DO DISCURSO. **Análise do Discurso no Brasil: notas à sua História.**  
Análise do Discurso – UFRGS. Disponível  
em: <[http://www.discurso.ufrgs.br/impressao.php3?id\\_a](http://www.discurso.ufrgs.br/impressao.php3?id_a)> Acesso em 17 ago.2009.

ARTIGO de opinião. Disponível em:  
<<http://www.authorstream.com./Presentation/valeriapreta-97562-artigo-de-opini-texto-disserta-education-ppt-powerpoint/>>. Acesso em: 15 dez.2009.

ASSIS, Machado de. **A cartomante e outros contos**. Disponível em:  
<<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000257.pdf/>>. Acesso em 31 jan.2010.

ASSIS, Machado de. **A cartomante e outros contos**. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens: Ensino médio**. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer, Maria Sílvia Louzada e Regina Ivamoto. **O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade**. São Paulo: Ática, 2009.

HEERDT, Mauri Luiz. O poder das palavras. **Revista Missão Jovem**. nº 194. p.8. 2004. Disponível em: <[http://www.pime.org.br/noticias.inc.php?&id\\_noticia=5547&id\\_sessao=3/](http://www.pime.org.br/noticias.inc.php?&id_noticia=5547&id_sessao=3/)>. Acesso em 25 jan. 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Disponível em:  
<<http://cinemacultura.blogspot.com/2008/10/hora-da-estrela-1985.html/>>. Acesso em 02 fev.2010.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, Antônio Carlos Soares. **Linguagem, subjetividade e história: a contribuição de Michel Pêcheux para a constituição da análise do discurso**. Unimontes Científica V. 6 n.1 – Janeiro/Junho de 2004. Disponível em:  
<<http://www.unimontes.br/unimontescientifica/rev.../>>. Acesso em 17 ago.2009.

**O poder das palavras**. Disponível em:  
<[http://forum.alemdosegreto.com/2009/12/29/o\\_poder\\_da\\_mente\\_licao\\_de\\_um\\_mendigo/](http://forum.alemdosegreto.com/2009/12/29/o_poder_da_mente_licao_de_um_mendigo/)>. Acesso em 23 jan. 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 7. Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, São Paulo, 2001.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa de Ensino. Paraná**, 2008. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/livro\\_e\\_diretrizes/livro/portugues/seed\\_port\\_e\\_book.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/livro_e_diretrizes/livro/portugues/seed_port_e_book.pdf)>. Acesso em: 08 abril 2010.